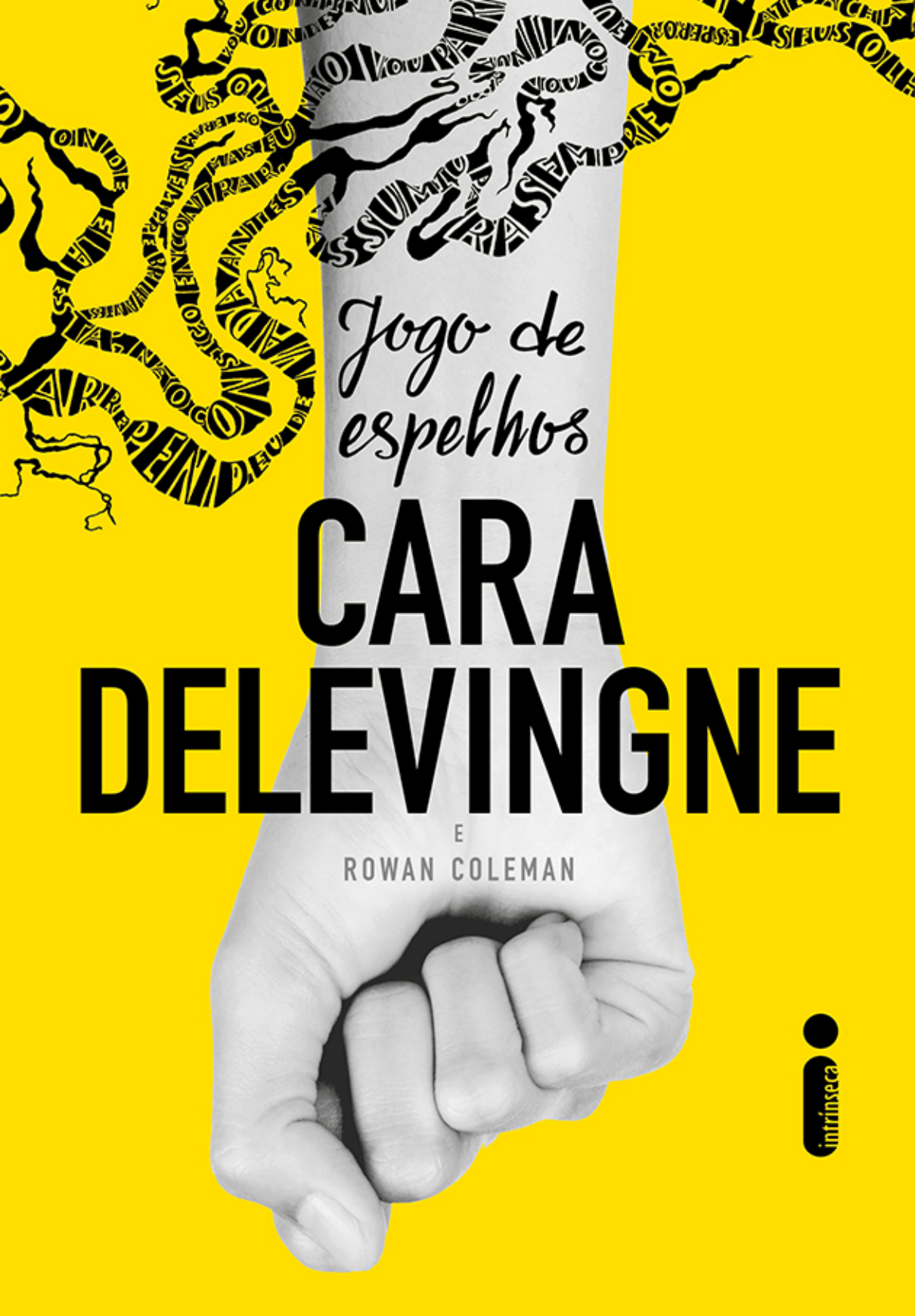
Jogo de espelhos
CARA DELEVINGNE
E
ROWAN COLEMAN
intrínseca

Jogo de espelhos

CARA DELEVINGNE
E ROWAN COLEMAN

Jogo de espelhos

Tradução de Alice Mello

intrínseca

Copyright © Cara and Co Limited 2017

TÍTULO ORIGINAL
Mirror, Mirror

REVISÃO
Giu Alonso
Cristiane Pacanowski

DIAGRAMAÇÃO
Miriam Lerner | Equatorium Design

ARTE DE CAPA
Loulou Clark and LJS / Orion Books

IMAGENS DE MIOLO E DE CAPA
© Shutterstock

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© Storm Athill

ADAPTAÇÃO DE CAPA E LETTERING
Antonio Rhoden | ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D39j

Delevingne, Cara
Jogo de espelhos / Cara Delevingne, Rowan Coleman ; tradução Alice Mello. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.
304 p. ; 23 cm.

Tradução de: Mirror, mirror
ISBN 978-85-510-010-97

1. Romance inglês. I. Coleman, Rowan. II. Mello, Alice. III. Título.

17-44223 CDD: 823
CDU: 821.111-3

[2017]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

A minha família e meus amigos,
que me ajudaram a enfrentar a adolescência.

E a todos que se sentem perdidos.
Espero que este livro ajude vocês
a seguirem seus sonhos
e a nunca desistirem.
Tudo é possível.

Introdução

A TRANSIÇÃO DA INFÂNCIA para a vida adulta — em outras palavras, crescer — é uma das fases mais interessantes que vivemos: o caos, a loucura, os hormônios, as mudanças constantes e extremas. É um período crucial, cheio de drama e emoção, e que molda nossa personalidade.

A maioria das pessoas fala da adolescência como os melhores anos da vida, e é mesmo uma época despreocupada, repleta de aventuras e alegria. Mas também pode ser bastante turbulenta e difícil, ainda mais para aqueles que não se adaptam às situações com facilidade.

Hoje em dia, as redes sociais ocupam grande espaço da nossa rotina, e nunca foi tão difícil ser jovem, principalmente com a pressão cada vez maior de parecer perfeito. Vivemos em um mundo em que as pessoas julgam antes de tentar entender ou ao menos considerar o que o outro está passando.

Quando resolvi escrever *Jogo de espelhos,* queria contar uma história que oferecesse ao leitor uma imagem realista da fase conflituosa que é a adolescência e também criar personagens com que todos pudessem se identificar. Queria escrever um livro sobre o poder da amizade, sobre como somos mais fortes cercados de pessoas que amamos e em quem confiamos.

Acima de tudo, queria dizer aos meus leitores que não tem problema se você ainda não sabe quem é. Tudo bem ser diferente e peculiar, porque você já é perfeito. Se descobrir o que faz você feliz e seguir seu coração, tudo vai ficar bem. Seja você mesmo, sempre. Identifique seus pontos fortes e perceba que lá no fundo você tem a capacidade de mudar o mundo.

Com amor,

Cara

Oito semanas atrás…

O SOL NASCIA NO HORIZONTE ENQUANTO íamos para casa, de braços dados, arrastando os pés ao caminhar, o calor do verão pesando no ar. Rose estava com a cabeça apoiada no meu ombro, o braço envolvendo minha cintura. Eu me lembro perfeitamente da sensação, o ritmo descompassado do quadril dela roçando no meu, sua pele tocando a minha, quente e macia.

Eram quase cinco da manhã. A luz do amanhecer, poderosa e dourada, fazia todas as ruas imundas brilharem como novas. A gente já tinha visto o amanhecer muitas vezes ao voltar para casa depois de uma longa noite fora, prolongando os momentos até não conseguirmos mais manter os olhos abertos. Até aquela noite, a vida finalmente parecia incrível, como se ela pertencesse a nós, e nós, a ela, cada segundo preenchido com algo novo, algo importante.

Mas aquela noite foi diferente.

Meus olhos ardiam, minha boca estava seca, meu coração batia acelerado. Não queríamos ir para casa, mas o que poderíamos fazer? Não havia para onde ir.

— Por que agora? — perguntou Rose. — Estava tudo bem, cara. Ela estava bem, feliz. Tipo, por que agora?

— Não é a primeira vez, né? — observou Leo. — É por isso que aqueles babacas não estão nem aí. Ela já fez isso antes, cara. Pega dinheiro, assalta a geladeira para abastecer a mochila, leva o violão. Desaparece por umas duas semanas. É o *modus operandi* dela.

— Mas não desde que a gente começou a Mirror, Mirror — argumentou Rose. — Não desde que estamos juntos, né? Antes, ela gostava dessas merdas, tipo se cortar, fugir. Mas isso foi quando a gente não tinha a banda. Depois da banda ela ficou... Todo mundo ficou bem. Mais do que bem.

Ela olhou para mim em busca de apoio, e eu precisei concordar: tudo tinha mudado no último ano. Antes da banda, todos nós estávamos perdidos de algum jeito e, de repente, por algum motivo, nossa vida deslanchou. Juntos, éramos fortes, populares e rock'n'roll pra cacete. Para nós, a Naomi também se sentia assim. Achávamos que ela não precisava mais fugir. Até a noite passada.

Naquela noite, a gente ficou na rua até de madrugada, rodou a cidade inteira.

Fomos a todos os lugares que já tínhamos ido com ela, mas voltamos sem ela.

Aos locais que nossos pais sabiam que frequentávamos e àqueles que íamos sem eles saberem.

Às boates em que teoricamente éramos jovens demais para entrar, quentes e fedendo a suor e hormônios. Lutando com a multidão na pista de dança, em busca de um sinal dela.

Perambulamos sorrateiramente nas sombras, pelos becos nos fundos dos pubs onde as pessoas pedem drogas aos sussurros para garotos agitados com olheiras profundas que oferecem saquinhos de skunk. Naquela noite, dissemos não.

Visitamos lugares escondidos por portas discretas onde é preciso ter contatos para entrar. Porões escuros e sem ventilação nos quais as pessoas ainda fumam até o ar ficar turvo de tanta fumaça e onde a música é tão alta que deixa um zumbido no ouvido, o peito vibrando e o chão tremendo com a batida.

Fomos a esses lugares e a todos os outros. Ao parque do conjunto habitacional onde a gente costuma ficar de bobeira. À margem do rio, vazia e ignorada pelos prédios dos milionários. À ponte Vauxhall, a *nossa* ponte, onde o barulho do trânsito nos obriga a gritar, a ponte que, de tanto que a atravessamos, parece fazer parte do grupo, como uma espécie de testemunha.

Finalmente, fomos à casa de apostas com a porta dos fundos quebrada e um colchão, onde a galera vai quando quer ficar sozinha. A galera, mas não eu, porque se tem uma coisa que eu odeio é a solidão.

As horas foram passando, e o tempo todo a gente tinha certeza de que ia encontrar a Naomi, de que ela só estava fazendo uma de suas cenas, o tipo de coisa que aprontava quando ficava chateada e queria atenção. A gente tinha certeza de que a nossa amiga, baixista da banda, estaria em algum lugar que só a gente conhecia. Ela estaria esperando por nós.

Porque não é possível existir num dia e desaparecer no outro. Não faz sentido algum. Ninguém simplesmente vira fumaça, some sem deixar rastro.

Era o que repetíamos para nós mesmos na primeira noite em que procuramos por ela, e na noite seguinte, e em todas as outras, até os pais dela falarem que precisávamos parar, que ela voltaria para casa quando estivesse pronta. E então a polícia interrompeu a busca, porque Naomi já tinha fugido outras vezes.

Mas, para a gente, não parecia a mesma coisa, não era como das outras vezes, porque ela não era a mesma pessoa de antes. Não que eles tenham nos escutado, entediados com seus caderninhos em branco. Mas o que poderiam saber?

Por isso, a gente continuou procurando pela Naomi sem parar, mesmo depois de todo mundo desistir. Procuramos por toda parte.

Mas Naomi não estava em lugar nenhum.

Só o que conseguíamos encontrar eram os espaços deixados por ela.

1

Hoje: a vida continua, é o que todos dizem.

A gente continua tendo que levantar de manhã, ir para a escola, voltar para casa, pensar em merdas tipo as próximas provas e torcer. Rezar, ter fé, confiar e um monte de outras idiotices que todo mundo repete o tempo todo.

A vida continua, mas é mentira, porque, na noite em que Naomi desapareceu, ela fez a porra do tempo parar. Os dias passam, as semanas correm, as estações e todas essas bostas, mas nada além disso. No fundo, não. Parece que estamos prendendo a respiração há oito semanas.

Porque vou contar o que eles não dizem mais: não dizem que ela vai voltar para casa quando estiver pronta. Pararam de repetir isso. E eu vejo a irmã mais velha dela, Ashira, de cabeça baixa na escola, isolada, como se não quisesse que ninguém se aproximasse. E os pais dela vagando pelo supermercado, olhando por um tempão para as coisas sem realmente prestar atenção em nada. Embora tenha sido a Nai que desapareceu, são eles que parecem perdidos.

E, sim, em outra época ela teria fugido para fazer todo mundo procurá-la. Teria mesmo, porque ela valorizava esse tipo de drama psicológico. Mas ela não foge há muito tempo, e nunca foi como dessa vez. Ela nunca ia querer que os pais ficassem tão enlouquecidos de preocupação, não ia querer ver Ash tão ansiosa, como se esperasse más notícias. Nai é complicada, mas ama a família, e eles a amam. São uma espécie de farol que nos atrai, feito mariposas sedentas por amor em volta de uma chama. Uma família que de fato se ama.

A questão é: Naomi não faria isso com eles, nem com a gente. Mas ninguém quer ouvir isso, nem a polícia, nem a mãe dela. Porque pensar que Naomi é complicada pra cacete é melhor do que pensar que ela simplesmente desapareceu.

E é por isso que às vezes torço para que encontrem um corpo logo.

Eu chego a esse nível de babaquice. Às vezes, queria que ela estivesse morta só para saber o que aconteceu.

Mas eles não encontraram. Não encontraram nada. E a vida continua.

O que significa que hoje é dia de fazer testes para o novo baixista, que vai substituir Naomi.

Por um instante, achamos que a banda talvez fosse terminar sem ela. O restante da Mirror, Mirror — eu, Leo e Rose — marcou um ensaio para conversar sobre essa possibilidade, e até chegamos a pensar que fosse o melhor. Mas então ficamos os três ali, sem querer ir embora, sem arrumar nada, e soubemos, sem que nada precisasse ser dito, que não dava para abrir mão da banda. Isso significaria desistir da melhor coisa que tinha acontecido na nossa vida, e sobretudo abrir mão dela de uma vez por todas.

Naomi fundou a banda, ou pelo menos foi quem a transformou em algo além de um projeto idiota do colégio, em algo real, algo que importava. Nai é o motivo pelo qual cada um de nós descobriu que era bom em alguma coisa, porque ela era muito talentosa. Quer dizer, ela é uma baixista excelente, surreal, do tipo que todos ficavam impressionados ao ouvir. Só que, muito mais que isso, a Naomi sabe compor, tipo, músicas muito boas. Eu não sou tão ruim, e a gente era incrível, mas Nai tem alguma coisa especial que transforma algo pesado e cinzento em brilhante e fora do comum. Antes da Mirror, Mirror, ela não sabia que esse era o seu superpoder, mas agora sabe, porque dissemos a ela. E, quanto mais a gente dizia, melhor ela ficava. E, quando se tem um superpoder como esse, não há motivo para fugir.

No dia em que a gente quase acabou com a banda, o sr. Smith, nosso professor de música, apareceu na sala de ensaio. Estávamos de férias, e não havia praticamente ninguém na escola além de nós, e só podíamos entrar porque ele tinha conseguido uma autorização e passado as férias sentado ali, lendo jornal, enquanto nós brigávamos e tocávamos. Mas, naquele dia, ele chegou e se sentou, esperando até a gente parar de falar

e olhar para ele, e foi quando eu me toquei de como ele parecia diferente. O sr. Smith é uma dessas pessoas que têm presença, não apenas por ser alto e meio atlético, como se malhasse e tal, mas por causa do jeito mesmo. Ele gosta da vida, gosta de *nós*, dos alunos, e isso é raro. Ele deixa a gente com vontade de fazer coisas, de aprender, e tudo isso por causa dessa energia, que não se vê toda hora nos adultos. Parece que ele realmente se envolve.

No entanto, naquele dia parecia que alguém havia tirado seu ar, como se toda a energia e a positividade que ele emanava tivessem desaparecido. Foi assustador vê-lo daquele jeito, porque o sr. Smith é sempre tão forte. Aquilo mexeu comigo de um jeito que eu não consigo explicar direito; fez com que eu gostasse ainda mais dele. Significou muito para mim ver quanto o desaparecimento da Nai o abalara. Tirando a família e a gente, ele foi uma das poucas pessoas que se preocuparam.

Não tenho como saber o que os outros sentiram, mas, no momento em que eu o vi naquele dia, quis ajudá-lo tanto quanto ele queria nos ajudar.

— Vocês estão realmente pensando em acabar com a banda? — perguntou ele.

Nós nos entreolhamos e, por um segundo, foi como se todos estivéssemos de volta à época em que não éramos amigos, quando tudo era solitário e esquisito, e a ideia de voltar para esses dias era apavorante.

— Não faz sentido sem ela — falei.

— Entendo — disse ele, passando os dedos pelo cabelo louro e deixando-o todo arrepiado. — Mas prestem atenção: se vocês se separarem agora, vão se arrepender. Os quatro... três... Eu sinto tanto orgulho de vocês e de tudo que fazem juntos. Não quero que percam isso, nem por vocês, nem pela Nai. Sei que não há muito o que fazer por ela, mas vocês podem ajudar a lembrar dela, até que seja encontrada. Para que nunca parem de procurá-la. Andei pensando e tive uma ideia: vamos produzir um show na escola. Juntar dinheiro para a família continuar a busca e manter o nome dela na imprensa. Vamos fazer o mundo inteiro olhar para nós, pessoal. Mas não posso fazer isso sem vocês. Topam?

E, sim, é claro que topamos.

Foi a única coisa que conseguimos pensar em fazer.

★★★

Continuamos ensaiando com três integrantes durante o verão, mas já está perto da data marcada para o show, e nos tocamos de que precisávamos de um novo baixista. Puta merda.

Naomi era... é... a melhor baixista com quem eu já toquei, o que é estranho, porque normalmente garotas não se dedicam a essas coisas. Não estou sendo machista, é só um fato. É preciso muita determinação para ficar invisível e tocar baixo bem de verdade, e as garotas... Bem, normalmente garotas gostam de ser notadas.

Mas a vida continua. Preciso botar a cabeça no lugar. Então me arrasto para fora da cama e olho a pilha de roupas amarrotadas no chão.

O Leo não tem esses problemas, o cara já acorda perfeito.

Ele pega a guitarra e parece um deus, ou pelo menos as garotas o idolatram como se fosse um. Não me parece justo, de verdade, que com dezesseis anos um cara seja tão bem resolvido, como se da noite para o dia tivesse amadurecido por completo, engrossado a voz e virado um homem alto e musculoso.

Eu, por outro lado, ainda estou naquela fase estranha. Eu vivo na fase estranha, eu *sou* a fase estranha. Se existisse um emoji para fases estranhas, ele teria a minha cara. Acredito totalmente que ainda estarei na fase estranha aos quarenta e cinco anos, já no leito de morte.

Eu *quero* parecer legal, mas o estilo do Leo — camiseta branca básica, calça jeans, moletom de capuz e tênis de cano alto perfeitamente branco — não combina comigo. Na verdade, a única coisa que me deixa mais atraente é andar com o Leo.

Para Rose também é muito fácil ficar gata, mas ela é bonita de verdade, então nem precisa se esforçar tanto. Ela tem cabelo castanho-escuro meio descolorido, com as raízes escuras, e não é magrela como as outras garotas. Os peitos e a bunda da Rose deixam os garotos da Thames Comprehensive doidinhos por ela.

Mas não é só isso. Ela usa maquiagem pra cacete, embora fique mais bonita sem — talvez seja por isso mesmo que ela usa. Penteia o cabelo para trás e rasga a calça de propósito. Rose sabe compor um look, deixa o ar carregado de estática e detona milhões de pequenas explosões por onde passa.

As outras garotas tentam imitá-la, mas não existe ninguém como a Rose, porque, juro por Deus, ela é a única pessoa que eu conheço que realmente pouco se importa com a opinião dos outros.

E quando ela canta... As paredes vibram. Os olhos se arregalam. Os caras ficam excitados.

Dos quatro integrantes da nossa magnífica família de desajustados, a Naomi era... é a que mais se parece comigo. Se Leo e Rose são tipo os reis do foda-se na escola, eu e a Nai somos líderes da nerdice.

Quando penso na Naomi, com aqueles óculos de armação grossa que engolem seu rosto em formato de coração e escondem as delicadas sobrancelhas castanhas, sinto orgulho. Ela abotoa as camisas até o alto, e as saias xadrez são absolutamente únicas. Os sapatos discretos e polidos são amarrados em laços perfeitos. Por trás de tudo isso, das roupas descombinadas de propósito e das escolhas duvidosas, ela é uma pessoa original que não leva desaforo para casa.

Às vezes, eu e Naomi ficávamos lendo na biblioteca na hora do almoço. Em silêncio, sem nos mexermos. Era calmo. Ela fazia contato visual por cima do livro e erguia a sobrancelha para mim quando um calouro esforçado demais passava, e a gente abria um sorriso sarcástico, nerds sem jeito que, sabe-se lá como, haviam tirado a sorte grande e ido parar no topo da cadeia.

E quando ela tocava... era tão boa. Não, na verdade era a melhor baixista do mundo. Ela no baixo e eu na bateria: nós somos o coração da banda, marcando o ritmo com uma precisão única.

Não estou com saco de me preocupar com o que vou vestir para tocar, então que se dane: calça jeans, camisa xadrez, camiseta branca por baixo; o meu uniforme de sempre. Caipira profissional, como diz Rose.

Pelo menos não preciso mais me preocupar com o cabelo, porque raspei quase tudo.

Cabeça de cenoura.

Pimentão.

Cabeça de pinto.

Apelidos que já recebi só por ter cabelo ruivo, e não só ruivo, mas ruivo e cacheado. Meu Deus, eu cresci parecendo um alvo para porrada. Até poderia fazer algo a respeito, Rose vive dizendo. Ela morre de vontade de alisar o meu cabelo, e eu sempre digo, hum, não, valeu. Mais ou menos a cada três dias ela pergunta se pode pintá-lo de preto, mas também não deixo: meu cabelo é ruivo, ok? Aceitem.

Além do mais, se meu cabelo fosse preto, não iam mais poder me chamar de Red, e meu apelido é o que tenho de mais legal.

O que eu fiz foi cortar bem curto, no dia anterior ao desaparecimento da Nai. Não comentei com ninguém, simplesmente fui ao barbeiro e pedi que ele raspasse as laterais e deixasse um moicano, comprido o bastante para cair nos olhos e balançar loucamente quando eu estivesse na bateria. Minha mãe gritou comigo por uma hora quando viu. Não estou brincando, ela disse que parecia que eu tinha acabado de sair de uma prisão de segurança máxima.

Quando meu pai chegou de uma de suas "reuniões noturnas da junta administrativa", ela berrou com ele por ele não ter gritado comigo.

Foi pior do que quando fiz quatro furos na orelha, momento em que decidi não me dar mais ao trabalho de contar a eles nada que eu faço para me sentir mais à vontade com minha aparência. Não vale o drama.

E, muito antes disso, percebi que não seriam meus pais que me salvariam, que dariam um jeito em mim ou me ajudariam. Eles estão tão ocupados se autodestruindo que eu e a minha irmã mais nova, Gracie, não passamos de dano colateral. Depois que concluí isso, a vida ficou mais fácil, acredite se quiser.

Claro, é difícil ignorar que minha mãe me odeia e que meu pai é um ser humano nojento. Mas eu me esforço bastante.

Música de Mirror, Mirror

Onde ela está?

Seus olhos eram sempre brilhantes,
Seu sorriso, arrebatador.
Nunca se arrependeu de nada antes,
Mas sumiu para sempre, o meu amor.

Onde ela está, a garota que eu quero?
Onde ela está, a garota que espero?
Onde ela está, não consigo encontrar.
Mas não vou parar, vou continuar...

Até achar.

2

A Rose domina o ambiente e, com um simples olhar fatal, acaba com os idiotas que acharam que podiam aprender a tocar baixo em uma semana.

— Nossa senhora, Toby, você mutilou esse baixo. Brochei pelo resto da vida, cara — diz para sua mais nova vítima. — Você deda a sua namorada desse jeito?

— Foi mal, cara. — Leo tenta amenizar. — Quem sabe não é melhor você se dedicar a… não tocar instrumentos?

Enquanto Toby vai embora, o rosto todo vermelho, espio o corredor e vejo a fila. Tem uma fila. Outro dia eu era um cocô esquecido num canto, e agora as pessoas fazem fila para entrar na minha banda. É uma sensação boa e ruim ao mesmo tempo. A Nai nos ajudou a construir isso, é a melhor letrista de nós, o coração da banda. Foram as músicas e as palavras dela que fizeram todo mundo parar e prestar atenção. E, agora, essas pessoas estão fazendo fila para ficar no seu lugar.

Eu quero essa banda, preciso dela. Acho que é isso que faz de mim uma pessoa de merda.

Eles são abatidos um por um. Observo tudo em segurança no meu esconderijo atrás da bateria, e os candidatos vão embora até que restam apenas dois.

Uma garota chamada Emily, que é bonita e descolada. Sexy, mas não daquele jeito que parece que vai devorar você de uma vez só. É mais do tipo que não dá vontade de parar de olhar, e quando você percebe está escrevendo poemas sobre o cabelo dela e essas porcarias todas.

Emily passa pela porta e eu já sei que Rose não vai ter o menor saco para aquilo. Ela não precisa dizer nada, dá para ver a fúria em seus olhos. Ela é a gostosa da banda, não tem espaço para mais ninguém.

O que é uma pena, porque assim que a garota começa a tocar vejo que ela é boa, sinto seu ritmo alcançando o meu, se encaixando entre cada batida das minhas baquetas. É bom, muito bom, quase íntimo. Eu me pego encarando aqueles olhos azuis e sorrindo — porque só quando estou tocando bateria consigo demonstrar que gosto de uma garota sem ter vontade de me matar. Ela sorri para mim, e, antes que eu perceba, uma das baquetas escapa da minha mão e cai no chão.

— Foi mal, querida — diz Rose, sem nem olhar para Emily. — Não está funcionando muito bem, não é mesmo? Mas valeu pela tentativa.

Emily não demonstra nenhuma reação, apenas dá de ombros com indiferença e sorri para mim de novo antes de ir embora.

— Eu gostei — falo. — Posso ficar com ela para mim?

Rose me dá um soco no bíceps com força, e meu ombro começa a doer. Ela é boa de porrada.

— Caramba, Rose! Dá um tempo nesse boxe!

— Não é boxe, está mais para soco de criança. — Ela balança a cabeça. — Porra, Red, vê se não baba. Isso aqui não é para você pegar a primeira piranha que aparece.

— A Emily não é piranha — retruca Leo. — Gostei dela.

— Nossa, como vocês são otários. É só aparecer qualquer uma com peitos e vocês viram acéfalos.

Olho para o Leo, ele olha para mim, tentamos não rir.

— Não é assim que você basicamente manda na escola toda? — resmunga Leo, e Rose dá um tapa na parte de trás da cabeça dele.

O próximo é o Leckraj, um garoto desconhecido do oitavo ano. Olho para ele e fico me lembrando de quando eu tinha treze anos, sem fazer nenhuma ideia de como lidar com a selva que é a Thames Comprehensive. O baixo é quase maior do que ele, mas o menino pelo menos consegue tocar a escala pentatônica. Não tão bem quanto a Emily, longe de chegar aos pés da Naomi, mas serve. E parece que vai ter que servir, porque só restou ele.

— Ok, então, Leckraj, vou passar com você o primeiro verso de "Fodido da cabeça", pode ser? E depois...

— Pessoal, podem parar por um minuto?

De repente, o sr. Smith está no meio da sala e parece paralisado por uma corrente elétrica. Nunca vi ninguém com a cara que ele está fazendo agora, como se tivesse ouvido que o fim do mundo está se aproximando. A expressão dele é assustadora. Sinto um nó na barriga. É algo horrível, ele vai dizer algo horrível.

Ninguém fala nada.

Ninguém precisa falar nada.

Parece que o ar à nossa volta fica pesado e o tempo desacelera até parar completamente, pesando nos meus pulmões. Não consigo respirar.

Todos nós sabemos o que ele veio contar.

— Acharam ela? — Um sussurro me escapa, mas a voz parece vinda de anos-luz de distância.

Ele assente, sem conseguir fitar nossos olhos.

— Ela está... — pergunta Leo, esperando a pior notícia possível.

— Ela está... — O sr. Smith parece ficar engasgado por um segundo, balançando a cabeça.

Finalmente, ele nos encara, os olhos cheios de lágrimas, a boca contorcida, e demoro um instante para perceber que...

... ele está sorrindo.

— Ela está viva — anuncia ele.

AMIGO
AMOR
VÍTIMA
TRAIDOR

O QUE VOCÊ VÊ
QUANDO SE OLHA NO ESPELHO?

ISBN 978-85-510-0109-7
9 788551 001097
www.intrinseca.com.br